

**GRACILIANO, GRACILIANOS: MÚLTIPLOS OLHARES ENTRE A
HISTÓRIA E A LITERATURA**

Cristiano Cezar Gomes da Silva
Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim
Universidade Estadual de Alagoas
cristianocezar.pe@hotmail.com

Neste trabalho propomos um diálogo entre a Literatura e a História, a partir da análise das várias narrativas de Graciliano Ramos. Buscamos focar a proximidade entre esses dois campos do saber, sem negar a existência de questões nas quais se afastam, em que se diferem, questões metodológicas e teóricas que delimitam as especificidades de suas áreas.

A partir das leituras de autores que dialogam com a história e a literatura, trazemos à baila uma reflexão interdisciplinar que privilegia esses dois saberes. Nessa direção, percebemos que embora existam peculiaridades que as singularizam, que as delimitem e as definam como saberes distintos, aqui nos interessa uma reflexão acerca da questão que provavelmente mais as aproximam – a narrativa. Narrativa essa que no olhar de Sandra Pesavento “se coloca no lugar da coisa acontecida, é presentificação de uma ausência, uma representação”¹. Nesse sentido, Paul Ricoeur aponta que podemos dizer que a história é quase fictícia no sentido da “quase-presença” dos acontecimentos colocados *diante dos olhos* do leitor por uma narrativa, enquanto que a narrativa de ficção é quase histórica, na medida que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor.²

Tanto a história quanto a literatura tem como objeto final, como seu “produto” final uma narrativa. As duas (re)contam, narram. Falam sobre fatos, acontecimentos, sobre a realidade. Ambas têm personagens, tramas e enredo na urdidura de sua construção. A tessitura literária e a tessitura histórica muitas vezes se misturam, confundem-se, têm suas fronteiras muito próximas, de difícil delimitação e demarcação. Um entrelugar, tomando uma expressão de Homi Bhabha³, cujas linhas de separação são bastante tênues.

Para condução de nossa análise, buscamos uma relação entre os discursos da literatura e os da história. Discutimos a aproximação e o distanciamento entre os

escritos definidos como ‘históricos’ e os de outras narrativas ficcionais com as quais dialogam sobre os mesmos momentos históricos. Tomamos alguns escritos de Graciliano Ramos que nos remetem a essa relação entre o ficcional literário e a história oficial acerca de uma mesma época.

Aproximações teóricas: diálogos entre história e literatura

A historiografia contemporânea tem sofrido transformações acerca da sua metodologia e lançado novos olhares sobre os objetos de análise. A contemporaneidade traz grandes desafios não só aos historiadores, mas também aos estudiosos das demais áreas do conhecimento. A história se volta para uma multiplicidade de novas questões e utiliza outras lentes sobre questões já estudadas. “Semelhantemente a um caleidoscópio, vemos uma história plural, múltipla, multifacetada, pois não conseguimos defini-la, apreendê-la, torná-la estática para a dissecarmos”⁴. Há um incessante visitar e reescrever no fazer historiográfico.

Esse repensar na historiografia teve seu principal marco teórico na Escola dos Annales. O movimento intelectual, ocorrido na França a partir de 1929, que teve seu início a partir da publicação da Revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Com forte influência interdisciplinar, saberes como a sociologia, a psicologia social e a antropologia, inicialmente estabeleceram um fértil diálogo com a história e, dessa forma, novas abordagens foram possibilitadas. O historiador inglês Peter Burke define os Annales como “a revolução francesa da historiografia”⁵, apontando a importância e dimensão do movimento intelectual francês do século passado.

Mas é na terceira geração da Escola dos Annales que a história mais se aproxima da antropologia, do cotidiano, da cultura. Essa mudança traz ressonâncias até a atualidade. A história cultural é tributária aos paradigmas iniciados pelos primeiros Annales. Os horizontes epistemológicos da história são ampliados, assim como os diálogos com outros saberes e áreas do conhecimento, e mais fortemente com a literatura.

Interessante pensarmos que essa aproximação da história com a literatura não ocorre em um sentido único. É uma via de mão dupla. Os estudos literários contemporâneos também revêem seus paradigmas. Há uma busca pelo diálogo epistemológico com a história. Há um retorno à narrativa pelos historiadores e um

retorno à historicidade por parte dos estudiosos da literatura. Um “casamento” que se havia rompido, mas que retorna com maior força e maior profundidade.

A aproximação entre esses dois saberes, e vejam que aqui não tenho a preocupação de afirmar nenhuma das áreas como ciência, no sentido clássico de sua objetividade e explicativo do real através de causas, efeitos, leis e teorias, pode ser discutida a partir da relação entre a história e a ficção. Como aponta Bella Jozef:

História e ficção partem de um mesmo tronco, são ramos da mesma árvore [...] Ambas são formas de linguagem. Os fatos, na verdade, não falam por si. Só adquirem significado depois de selecionados e interpretados, provocando uma desfamiliarização do cotidiano.⁶

O discurso histórico e o discurso ficcional são próximos, dialogam entre si. Ambos são linguagem e como tal tentam representar o mundo em sua volta, interpretá-lo, compreendê-lo, significá-lo. Assim, constroem sentidos para o real, para as experiências com o real, a partir da linguagem. Para o literato mexicano Octavio Paz, a linguagem tem uma essência simbólica, pois representa um elemento da realidade por outro, assim como nas metáforas. E se, como o próprio autor afirma, “pela palavra o homem é uma metáfora de si mesmo”⁷, podemos pensar que o discurso literário e o discurso histórico são metáforas da realidade que tentam aprisionar.

Na perspectiva de que a história e a literatura são construções de sentido acerca da realidade e por isso estão próximas, vemos a noção de narrativa e de trama. A literatura e a história, por caminhos e propostas metodológicas diferentes, produzem suas narrativas, constroem seus enredos e tornam inteligíveis suas percepções de mundo. Nessa direção, a trama perpassa as duas formas de representação da realidade. O conjunto de artifícios da linguagem, decodificados pela escrita, busca uma relação com o exterior que sua interioridade textual pretende abarcar e cristalizar na narrativa.

Para Paul Veyne, na obra *Como se escreve a história*⁸, a noção de trama se constitui a partir do pressuposto de que os fatos não existem isoladamente. Ao historiador, em seu ofício, cabe fazer relações, seleções, montar as séries dos documentos, a partir da subjetividade. A trama é o tecido que constitui a forma da narrativa histórica. Assim, o historiador em sua subjetividade, realiza os cortes, os encaixes e costura a sua trama. Veyne vê a história como “uma mistura muito humana e muito pouco “científica”.

Embora Veyne afirme a noção de construção da história, de que ela é um discurso, uma representação, não a separa de sua relação com a realidade a partir do

princípio da verossimilhança. Aponta que a história é um “romance verdadeiro”, desvelando assim sua relação intrínseca com o acontecido, e isso a distinguiria da narrativa literária. A história tem, para o autor, um compromisso com o acontecido, com o vivido, mesmo que ele já não possa ser apreendido, não possa mais ser revivido, apenas lembrado e recontado, quantas vezes e de quantas formas os historiadores o puderem (re)construir.

Na mesma perspectiva de perceber a história como construção acerca do acontecimento, Hayden White retira do historiador o “fardo” da história. O crítico literário estadunidense faz uma disjunção entre a história e a verdade. Aponta que por muito tempo o historiador carregou sobre si o peso e a responsabilidade de contar o realmente acontecido. Dessa forma, sugere repensar a relação do historiador com o passado. Para White, o “historiador contemporâneo precisa estabelecer o valor do estudo do passado, não como um fim em si, mas como um meio de fornecer perspectivas sobre o presente que contribuam para a solução dos problemas peculiares ao nosso tempo”⁹.

Percebemos então que a relação entre o historiador e o passado para esses pensadores, possibilita-nos enxergar a afinidade da história com a literatura, à medida que constroem suas narrativas de maneira dissociada de uma *mimesis* da realidade. A literatura e a história constituem-se como formas de ver o mundo, gestos de leitura, gestos de interpretação e, por fim, gestos de escritura das significações que damos ao mundo em nossa volta.

Os vários olhares sobre Graciliano Ramos

Segundo White, as narrativas históricas “são ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências”¹⁰. Isso nos faz pensar sobre o que esse estudioso entende por ficção. A carga pejorativa que muitas vezes é atribuída ao termo não é aqui colocada. A ficção nesse caso é pensada como uma invenção, uma criação. Um sentido de construção de algo pelo homem e não com a idéia de falsidade ou de mentira.

Nesse sentido, buscamos analisar alguns trechos dos escritos ficcionais e não-ficcionais de Graciliano Ramos. Através da sua obra, bem como de suas crônicas, cartas, ensaios e fragmentos, o literato significa, documenta, denuncia, registra e

rememora o momento vivenciado entre as décadas de 1930 e 1940, no Brasil. Interessamos ainda o olhar de como alguns estudiosos perceberam a obra do literato brasileiro.

Para Lourival Holanda, que compara *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *O Estrangeiro*, de Albert Camus, o literato brasileiro denuncia um sistema social de extrema desigualdade, uma dicotomia entre o mundo dos letrados e o mundo dos iletrados que estão a mercê daqueles que dominam a escrita. A personagem Fabiano é o retrato dessa desigualdade, da revolta e da consciência de si – aquele que não domina o signo da linguagem e vive sob o signo do silêncio, aquele que é silenciado em um sistema social perverso, sistema que precisa ser acusado e denunciado. Ao analisar essas duas grandes obras da literatura, Lourival Holanda traz uma grande contribuição para o entendimento da obra gracilianista:

O que Graciliano aqui acusa é o sistema social que embaça o espelho, impedindo assim, ao indivíduo, a visão de si, reflexiva. A despossessão de Fabiano é a mais completa: além da despossessão que a reificação reitera (é um “cabra”, um “bicho”), e da despossessão da palavra, há mais: o desejo do mesmo Fabiano é um desejo “alheio” porque mediado pela figura do Seu Tomás. Não é genuíno, não tem origem nele, mas é feito por “procuração” [...] Fabiano empresta um rosto anônimo à máscara social.¹¹

Já no olhar de Wander Melo Miranda, Graciliano Ramos constrói uma memória que se contrapõe à memória oficial, retrata circunstâncias até então pouco conhecidas. Parte de suas experiências para a denúncia em sua literatura. Não procura reificar essa conjuntura, mas se contrapor com o que lhe é possível – as palavras – dentro de uma relação de poder¹². Se para Fabiano, as palavras lhe dariam status e poder, o literato usava-as como prática de resistência¹³ ao poder instituído a partir de uma rede de relações, uma vez que modificariam as suas ações, interagindo com o mundo em que estava inserido. Dessa forma, para Wander de Melo Miranda,

Narrar é agir. O significado do vivido toma forma de ações e através das ações compartilhadas, que se tornam o meio essencial para lançar os fundamentos de uma atuação autêntica que o futuro arrancado ao passado, na narrativa, deixa entrever. Trata-se de encontrar uma memória distinta da oficial, de opor a “tradição” sufocada à “história” triunfante e consolidada dos adversários que não cessam de vencer.¹⁴

Desse modo, o autor vê em Graciliano Ramos, um contraponto à construção histórica pretendida pela memória oficial. A memória do período, registrada na obra gracilianista, especialmente em *Vidas Secas*, desvela uma sociedade com grandes

contrastes e desigualdades sociais e regionais. Essa obra, então, encampa uma denúncia e uma acusação a esses desequilíbrios na sociedade das décadas de 1930 e 1940.

Para Carlos Alberto Dória, Graciliano Ramos está entre os escritores da década de 1930, do chamado regionalismo problemático, em contraposição ao regionalismo emblemático¹⁵. Para Dória, este regionalismo problemático “consiste no tratamento da diversidade como elemento enriquecedor da percepção do todo”. A construção do local apenas se dá ao se particularizar o que é universal. Procura-se perceber a sociedade em seus aspectos gerais, a partir do aspecto particular.

Podemos enfatizar o olhar apontado por Dória pelas palavras do próprio Graciliano, ao se referir à cidade em que foi prefeito: “Palmeira é uma cidade essencialmente brasileira. Grande parte dos defeitos e das virtudes que no brasileiro se encontram, em geral, o palmeirense possui, em particular. Reproduz-se, entre nós, em ponto pequeno, o que o país em ponto grande produz”. E o literato continua a sua observação afirmando: “o que o Rio de Janeiro imita em grosso nós imitamos a retalho. Usamos fraque por cima da tanga, alpercatas e meias”¹⁶. Graciliano Ramos significa textualmente não haver a distinção entre a problemática regional e a nacional senão pela sua amplitude e especificidade. Apontando o universalismo dos seus escritos e buscamos a sua relação com a história sobre o período da sua escritura.

Reconstruindo um passado e uma história através das narrativas literárias

Nessa relação entre história e literatura, Graciliano Ramos ao recordar e registrar as reminiscências em sua obra e ao mesmo tempo (re)significar um passado, constrói instrumentos, estratégias em uma tentativa de instituir um processo de mudança e transformação do momento em que vive. Faz um contraponto ao instituído, procura uma possibilidade de ruptura com a continuidade arraigada naquele momento. Desvela, nessa “trajetória individual”, as rupturas, as continuidades e a simultaneidade em sua vida, por conseguinte, na sociedade com a qual interage.

Nesse sentido, podemos ver parte da obra de Graciliano Ramos como uma escrita de si, uma escrita da história, partindo da sua memória. Esse “si” que pode se deslocar para um outro, para um outro bastante próximo e que perpassa o cotidiano do narrador/autor. Um outro criado e representado através da personagem. Em *São Bernardo*, por exemplo, Graciliano afirma ter sido a personagem Paulo Honório inspirada em seu próprio pai, irmãos e cunhados:

Paulo Honório, concebido em 1924, nasceu em 1932. Narro essa longa gestação por exigência de João Condé [...] O jeito que tenho é convencer-me, decidir contar a origem de Paulo Honório, alagoano, viçosense [...] Às vezes meu pai me visitava, carrancudo, largava uns monossílabos. A carranca e fragmentos de velhas narrações dêle combinaram-se na edificação de Paulo Honório. Infelizmente êsse colaborador morreu em 1934 e não chegou a ler o romance.

A língua, as imagens rurais, apanhei-as em consultas pacientes a meus irmãos e cunhados, gente matuta. [...] ¹⁷

Vemos que as personagens narradas falam de um local social, expressam-se através de uma linguagem peculiar. Formam um caleidoscópio que é o próprio autor e as suas experiências vividas através de suas personagens. Contudo, pela linguagem tratar de símbolo, contendo significado, não negamos haver uma distância entre o escrito e o que ele representa. Essa lacuna é preenchida pela linguagem que segundo Octavio Paz é utilizada por um autor como nomeação do mundo que ele observa, como ferramenta que possibilita tomar consciência do mundo que o cerca. Tornando-se, assim, um elo que dá sentido e significação à realidade, em um criar e recriar cujo incessante movimento de nomeação e produção de sentidos representa a condição humana que o liberta da natureza, mas que o diferencia e o caracteriza como homem.

Graciliano Ramos faz da literatura um espaço de denúncia, de crítica social e política sobre o momento vivido. Critica os literatos que fogem dessas características de denúncia, que vivem “alheios”, e cujas personagens não representam um contexto verossímil. Refere-se, por exemplo, a Amando Fontes, literato sergipano, que ao escrever Rua do Siriri,

Trabalhou muito, novela certinha [...] conveniente. O meio é um bairro de prostitutas [...] As meretrizes não brigam, não jogam, não bebem, nunca se dedicam à profissão, falam como senhoras e tôdas iguais, possuem sentimentos nobres. Referem-se à desgraça em que vivem, mas com injustiça. Se [os tupanaros] fôssem aquilo, venceriam, em austeridade, em recato, os mais inflexíveis estabelecimentos da educação feminina.

Essas mulheres de Amando Fontes representam bem os nossos romances actuais, direitos, comedidos, inofensivos. Desapareceram os mocambos, as cadeias sujas, as bagaceiras e os canaviais, as fábricas, os saveiros, a escola da vila. E a nossa literatura começou a comportar-se, na moral e na sintaxe, como as mulheres da Rua do Siriri. Baniu-se o palavirão, verdadeiro e bíblico. Afastou-se o negro. As personagens branquearam. [...] ¹⁸

No mesmo texto critica romancistas como Jorge Amado, Rachel de Queirós, José Lins do Rêgo e o já citado Amando Fontes. Pois, para Graciliano Ramos, eles já não possuem a ousadia dos seus primeiros escritos, com os quais se projetaram na literatura através das suas obras. “[...] Estão longe delas, constrangidos, limitados por numerosas conveniências. Para bem dizer, estão amarrados [...]”. E Graciliano continua

cobrando o engajamento e coragem do início da carreira literária dos seus contemporâneos:

Não conseguem recobrar a pureza e a **coragem** primitivas. Transformaram-se. **Foram transformados**. Sabem que a linguagem que adotavam não convém. **Calam-se**. Não tinham nenhuma disciplina nem na gramática **nem na política**. [...] Pensam no que é necessário dizer. No que é vantajoso dizer. No que é possível dizer.¹⁹ [grifo nosso]

Observamos, assim, um Graciliano Ramos de perfil engajado com a estrutura social que precisa denunciar e contrário à postura dos literatos contemporâneos seus que não teriam a ousadia de outrora em seus escritos. O autor faz da literatura uma prática e um contraponto para resistir e denunciar a ordem instituída. Desvela-se também essa característica em suas cartas pessoais, em seus discursos, crônicas, ensaios e fragmentos. É esse Graciliano que analisamos, um literato que utiliza os seus múltiplos escritos, os seus múltiplos tempos, os seus múltiplos olhares e a sua obra como resistência às relações de poder presentes no cotidiano e que permeiam todo o corpo social.

Objetivamos compreender através dos escritos gracilianistas, não apenas a sua estética literária, mas os embates que aconteciam durante os anos de 1930 e 1940, percebendo alguns conflitos e ambigüidades da sociedade daquele período. Ao analisarmos as fontes, procuramos uma reflexão, discussão, correlação com as teorias, com outras análises realizadas sobre o autor, com o momento histórico e a sociedade circundante do período. Seguiremos, pois, na direção da análise, a partir da historicidade de sua obra e dos seus escritos, interagindo com outros saberes.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado*. II Seminário de Estudos em Análise do discurso: o campo da análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.

² RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo III. Campinas/SP: Papirus, 1997.

³ Sobre entrelugar, ver BHABHA, Homi. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureiro, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

⁴ SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. *História, cidade e modernidade: a instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim (1950/1970)*. In: *Tambor*, revista da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim, nº 02, abril de 2004. Belo Jardim – PE: FABEJA, 2004. p.23.

⁵ BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

⁶ JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

⁷ PAZ, Octavio. *El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesía e historia*. 13. reimpressão. Cidade do México: 2003. p. 34.

⁸ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. ver. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da UnB, 1998.

⁹ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 53.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 98. [grifos do autor].

¹¹ HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio: Vidas Secas e o Estrangeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. p. 30. [grifo do autor]

¹² Sobre as relações de poder, Michel Foucault aponta que “o poder é coextensivo ao corpo, não há entre as malhas de sua rede, praias de liberdades elementares; [...] que elas não obedecem à forma única de interdição e do castigo, mas que são formas múltiplas; [...] que não há relações de poder sem resistências; que estas são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder; [...] Cf. FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: estratégias, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 248-249.

¹³ Sobre práticas de resistência ver: DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*. 7. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

¹⁴ MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004. p.64.

¹⁵ DÓRIA, Carlos Alberto. *Graciliano e o paradigma do papagaio*. In: Revista do IEB, n. 35, 1993, p. 19-34.

¹⁶ RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 83-84.

¹⁷ “Paulo Honório”. Carta a João Conde. Instituto de Estudos Brasileiros, USP. Fundo Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos: Crônicas, Ensaios e Fragmentos. Notação 12.1, caixa 1/1, p. 1,3.

¹⁸ “Decadência do romance brasileiro”. Crítica acerca dos romancistas regionalistas nordestinos: Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queirós e Amando Fontes. Instituto de Estudos Brasileiros, USP. Fundo Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos: Crônicas, Ensaios e Fragmentos. Notação 10.2, caixa 1/1, 6 fls., 20.10.1941, s.l., p. 4-5.

¹⁹ Idem, Ibidem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo. Editora UNESP, 1997.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo. Editora UNESP, 1992.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, volume 5, era modernista. 6. ed. São Paulo: Global, 2001.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DÓRIA, Carlos Alberto. *Graciliano Ramos e o paradigma do papagaio*. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, São Paulo, 35, 1993. p. 19-34.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Ditos e escritos IV: estratégias, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo*. In: GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio: Vidas Secas e o Estrangeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 1992.

JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4. ed., ver. e ampl. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

_____. *Corpos Escritos – Graciliano Ramos e Silvano Santiago*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Ed. UFMG, 1992.

PAZ, Octavio. *El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesía y historia*. 3.ed. 13. reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado*. II Seminário de Estudos em Análise do discurso: o campo da análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. CD-ROM . Porto Alegre: UFRGS, 31/10/2005 a 04/11/2005.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *São Bernardo*. 81. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Vidas secas*. 80. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Campinas/SP: Papirus, 1997.

SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. *História, cidade e modernidade: a instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim (1950/1970)*. In: *Tambor*, revista da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim, nº 02, abril de 2004. Belo Jardim – PE: FABEJA, 2004. p. 21-30.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*, 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.